

Author / Autor

Ariane Alves dos Santos
Maria Augusta da Silveira Mitre

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Brasil

Sapatos: artifício e adaptação à luz do conceito de imunidade de Peter Sloterdijk

A proposta deste artigo é abordar a história dos sapatos a partir de uma perspectiva comunicacional baseada no conceito de imunização, presente na trilogia *Esferas*, de Peter Sloterdijk. Nela são abordados os processos comunicativos contemporâneos e suas transformações a partir da domesticação do exterior, incorporando-o a uma interioridade ontológica. Esse movimento está diretamente relacionado à produção da cultura e ao próprio processo de hominização, uma vez que as esferas são formas de imunização e proteção contra os riscos que o exterior nos coloca. O objetivo da abordagem aqui apresentada é posicionar a criação dos calçados na história da indumentária e no próprio processo de evolução do ser humano, de suas técnicas para proteção corporal e potencialização de suas atividades, afirmando-os como artifícios para adaptação e intervenção no meio.

Introdução

Neste trabalho, faremos uma análise dos sapatos e o que eles significam para a humanidade. A história da indumentária, da moda e também do humano, com suas adaptações para viver e sobreviver, nos interessarão aqui. Para que possamos adentrar este assunto, é necessário resgatarmos justamente as funções dos nossos calçados, uma vez que, na contemporaneidade, o *design* e a facilidade com que podemos obter um par deles nos faz esquecer rapidamente de que se trata, muitas vezes, de um artigo de primeira necessidade, algo sem o qual realizaríamos as tarefas do nosso dia a dia de forma bem diferente. Também iremos pontuar e esclarecer alguns termos e conceitos, ao resgatarmos a história desse acessório que faz parte de quase todas as culturas, desde os primórdios da existência humana.

Ao pensarmos na noção de civilização, vêm à tona os conceitos de vida em sociedade, formação de centros urbanos, escrita, arte e culinária. Não é diferente com as vestimentas. Tanto nas culturas mais remotas até nas mais atuais, o uso de adornos e de peças de indumentária lhes é comum. Veremos, adiante, quais são histórica e sociologicamente as razões para isso, com o objetivo de focarmos na história dos calçados.

Moda e indumentária

Antes de entrarmos na história dos calçados, iremos pontuar alguns conceitos básicos da área de moda e indumentária, e situar o nosso objeto de estudo de forma mais clara. É necessário esclarecer que há uma diferença fundamental entre moda e indumentária, e que neste artigo estamos tratando mais do plano da indumentária do que da moda. Vejamos.

Consta dos registros mais remotos da vida humana que o homem se adornou. Isso é, enfeitou-se e vestiu-se. Desses registros vale ressaltar que os primeiros indícios com provas materiais de que o homem se vestiu data do Paleolítico, com restos de agulhas rudimentares feitas de ossos e outros materiais que estavam ao seu alcance.

Temos, então, trinta mil anos de história da indumentária, e esta, por sua vez, refere-se a tudo aquilo que o homem um dia colocou sobre seu corpo: todo tipo de adorno e as vestimentas de qualquer natureza também. Assim, são consideradas indumentárias as modificações corporais, como escarificações ou tatuagens; peças que paramentam os sacerdotes das religiões; todas as roupas em geral, folclóricas, típicas e, mais hodiernamente, roupas de moda. Já a moda requer, para que exista, algumas outras condições, tais como efemeridade, sazonalidade e estar presente dentro de uma sociedade de mercado. Ou seja, a troca, a substituição pelo lado do capricho, é indispensável para que se configure como tal, logo nos remetendo ao conceito fundamental do ciclo de moda, caracterizado pelo nascimento, vida e morte de uma roupa ou acessório usado em determinada época por um grupo de pessoas. Essa é a diferença fundamental: não há ciclo de moda quando estamos tratando do universo da indumentária.

A indumentária, por sua vez, pode ser conceituada em relação a grupo específico de pessoas, a religiões e aos uniformes. E há um outro aspecto relevante ainda, que seria a datação. A indumentária, como vimos, sempre existiu e

acompanhou o homem, um exemplo de fácil compreensão é a imagem do homem pré-histórico com peles de animais para sua proteção e um colar de dentes oriundos das caças. Esta imagem está em qualquer museu de história natural. Já a moda não. Ela passa a existir quando há condições econômicas para que possa haver substituições de vestimentas por outros motivos que não os citados nos propósitos da indumentária. E quais motivos então são esses?

Gilles Lipovetsky (2009) pontua que a moda existe num universo onírico e caprichoso. Ou seja, são as vontades pessoais, num momento de possibilidade para tanto, que fez com que ela surgisse. Mas e os calçados? Onde estão posicionados nessa questão conceitual? São moda ou são indumentária? Os calçados são os dois, pois fazem parte desde os primórdios da história da roupa, e não apenas persistem existindo na história da moda, como são um excelente exemplo de peça fundamental ao guarda-roupa contemporâneo. Mas, o que queremos assinalar é seu papel como indumentária e seu uso como um fator de proteção, tornando-se fundamental para o desenvolvimento da nossa história. Passaremos, abaixo, à história dos calçados.

História dos calçados

O homem pré-histórico demorou algum tempo para desenvolver algo que revestisse seus pés. Por milhares de anos, os neandertais e outros hominídeos andaram com os pés naturalmente desnudos até o momento em que um artifício feito de pele de animais caçados, que revestia as solas (ainda bem mais rústicas e grossas que as nossas), mostrou-se uma invenção interessante, afinal proporcionava uma proteção infinitamente melhor do que o nosso solado natural de carne e osso, mais frágil e sujeito a machucados e cortes.

O desenvolvimento desta peça que tinha única e exclusivamente a função de proteger o homem de uma “fraqueza” – pés finos e frágeis – foi ficando cada vez mais sofisticado e complexo. Passando rapidamente pela história da moda dos calçados - apenas para que não saltemos etapas - veremos as principais mudanças que estão envolvidas neste processo, até chegarmos nos calçados modernos, mais especificamente nos tênis esportivos de hoje em dia, que trazem e significam avanços tecnológicos bastante elevados. Os sapatos surgiram como algo para reforçar o poder dos nossos pés, por volta de 10.000 a. C, ainda no período paleolítico. As suas primeiras formas foram confeccionadas em couro animal; depois, aparecem alguns registros em palha (papiro) e metal, como as famosas sandálias egípcias que foram encontradas na tumba de Tutancâmon (EUBANK, 2001, p. 102). Após o surgimento destas formas rudimentares, na Antiguidade e também na Idade Média continuaram a se desenvolver, em formas mais cobertas como botas e também com tipos diferentes de amarrados. Até o século XIX, não havia “lado” certo, esquerdo ou direito nos sapatos, e eles iam se moldando aos pés de quem os usavam (LAYER, 1989, p. 32). Não iremos nos alongar muito aqui na parte da história, pois o que nos interessa para este texto é o que os sapatos significaram para o desenvolvimento do homem, ou seja, o que eles possibilitaram e quais foram as mudanças que esta peça trouxe.

Ademais, hoje há uma miríade de tipos de tênis ou *sneakers*, sapatilhas, chinelos, *scarpins*, botas, *mules*, *docksidiers*, botas

para esqui, mocassins, sapatos para dançar, etc. Enfim, a lista é longa e cheia de opções, e por essa razão talvez nos impeça uma reflexão sobre a natureza da necessidade deste artigo em nossas vidas, e os usamos simplesmente por um hábito cultural. Lucia Santaella, no livro *Culturas e Artes do Pós-humano*, explana sobre as funções dos elementos culturais: “Os elementos da cultura fazem algo, eles têm significado para os indivíduos que dela participam, dentro do contexto total de sua cultura. Para entender os elementos da cultura tanto a forma quanto a função devem ser explorados.” (SANTAELLA, 2003, p. 44). Assim, certamente há o lado cultural, haja vista os povos de algumas regiões, por exemplo, os autóctones da América do Norte que usavam calçados tipo botas/mocassins; já os nativos do Brasil, não usavam nada nos pés. Mas são exceções, e isso provavelmente deveu-se ao clima quente que dispensava roupas e outras peças que pudessem causar mais incômodos ao corpo (BRAGA, 2011, p. 81).

Assim, voltando ao sapato como sucesso de artifício empreendido pelo homem, a peça em questão possibilitou-lhe elevar suas habilidades e explorar suas curiosidades, por exemplo: como andar na areia quente dos desertos sem algo para proteger os pés? Ou, como explorar as selvas e até mesmo como pensarmos nas guerras que definiriam a Europa Medieval sem calçados?

Assim como este exemplo, os sapatos representam em relação à evolução da espécie humana um artifício que permitiu outros avanços em diversas direções. Seria então uma “falha” da nossa espécie, a fragilidade de nossos pés, um problema no nosso caminho que tivemos que contornar com o desenvolvimento de tecnologias.

Pensando em evolução, durante muito tempo o homem primitivo andou descalço. Como dissemos, os primeiros registros de uso de algum tipo de calçados datam aproximadamente de 10.000 anos antes de Cristo. Além da inteligência, base para a sua sobrevivência, certamente o homem precisou correr. E não seriam bons caçadores se não fossem bom corredores, e a necessidade de uma proteção, um invólucro para os pés, tornou-se evidente. Temos, portanto, as primeiras formas de calçados auxiliando nesse empreendimento fundamental da evolução humana.

Dentre as funções do sapato, destacam-se as funções comunicacional e social. Principalmente hoje, com a moda contemporânea, ferramenta de expressão pessoal, isso fica bastante claro. Temos exemplos também na história da indumentária, tais como as modificações corporais, os diminutos pés das chinesas antigas, assim como as representações pictóricas dos pés femininos bastante pequenos na Idade Média e no Renascimento. Fica claro, portanto, que o pé deve ser pequeno, por estética e por cultura.

O sapato é, enfim, um híbrido entre forma e função. Tem sua função e tem seu poder comunicativo. E sobre a sua função aqui, para nós, o importante é esse aspecto de artifício, de algo que o homem criou e fez para melhorar sua performance. A respeito da palavra artifício, introduzimos aqui a questão da adaptação para viver melhor, com mais eficiência.

O pensamento de Peter Sloterdijk

Ao pensarmos em adaptação para viver, introduziremos o conceito de *imunização* abordado pelo filósofo alemão Peter Sloterdijk em sua obra *Esferas*. Em sua filosofia, o

mundo é diagramado por um sistema denominado *esferas*. Sloterdijk entende o humano de uma forma integrada com a natureza e a toda forma biológica, passando a não estabelecer relações de superioridade entre as espécies. Nesta narrativa filosófica, na qual desenvolve seu pensamento complexo e contemporâneo, nos interessa aqui o conceito das relações entre nós (entes) e o exterior, as quais ele chama de *díades*. As díades formam as esferas e não são dicotômicas, e sim uma relação que implica na coexistência antes da existência, assim como na coevolução natureza/cultura. Para o filósofo alemão, a nossa condição é diádica, pois estamos sempre em relação com o exterior. A esferologia é, portanto, uma teoria dos meios, da mediação entre o interior e o exterior, entre sistema e meio.

Sloterdijk desenvolve três tipos de esferas: as microesferas ou bolhas nas quais as relações mais íntimas se dão; os globos, que são esferas maiores e que explicam as relações de dominação e as “ontologias imperiais”; e, por fim, as espumas, compostas de esferas flutuantes, onde as relações são instáveis, mutantes. Lucia Santaella descreve as espumas como “certamente mais delicadas, mais sutis, complexas e ainda mais leves do que os líquidos.” (2007, p. 19).

Na esferologia de Sloterdijk, este último ponto das espumas e das bolhas mutantes dariam bons paralelos com as questões da moda contemporânea, que, hoje, dificilmente pode ser explicada e analisada, encontraria aqui uma bela fonte de explicações de suas razões de ser. Porém, neste trabalho iremos nos ater à questão mais pontual dos sapatos e o conceito de imunidade que traz o filósofo.

Juliano Garcia Pessanha aponta, em sua tese apresentada em 2017 na USP sobre a obra *Esferas*, que “os seres humanos são arquitetos de espaços interiores” (p. 10), e nunca vivem em relação imediata com a natureza. Discorre ainda, em seu primeiro capítulo, sobre o conceito de imunidade, citando mais uma vez que “as esferas acontecem entre os seres humanos como criações espaciais, imunologicamente eficientes para seres como nós em que opera o exterior e o estranho.” (2017, p. 16).

Rodrigo Petronio, também estudioso do trabalho do alemão, escreve que “esferas são criações espaciais imunologicamente efetivas para seres extáticos sobre os quais opera o exterior” (2013, p. 22). Ambos, tanto Pessanha quanto Petronio, ao citarem a obra *Esferas* procuram explicar este conceito fundamental que é o de *imunização*.

Rodrigo Petronio explica que o termo imunização consiste, para Roberto Esposito, em tecnologias de preservação da vida (*ibid.* p. 23) e, mais adiante, exemplifica com o tema das religiões. Estas seriam grandes sistemas de imunização “capazes de promover uma suspensão da condição absurda da existência e também como modos efetivos pelos quais buscamos plenitude, auto realização e felicidade.” (*ibid.* p. 29). Podemos depreender que tal conceito se aplica a diversas questões da condição humana e suas inquietações. Nossa proposta de fazer um paralelo com o artifício sapato como resultado sanador de um problema, nos parece, portanto, pertinente.

O processo de uso dos calçados é uma adaptação artificial, ou seja, um sistema de imunização produzido e explorado para que pudéssemos nos ajustar e sobreviver da melhor forma, fazendo com que a nossa sobrevivência primeira, nas nossas bolhas primeiras, que mediavam a nossa relação com o bruto exterior, fosse amenizada. Sloterdijk refere-se à história do homem como a história natural da

não-naturalidade (1999, p. 23), e com isso é possível pensarmos que os calçados fazem parte desta imunização primeira. A vulnerabilidade do ser humano conjuga-se com o seu potencial para o desenvolvimento da técnica, levando-o a produzir os artifícios que os imunizam em relação a diferentes problemas.

Conclusão

Pensarmos então neste sucesso evolutivo em relação aos calçados à luz do conceito acima descrito do filósofo alemão leva-nos a crer que os sapatos são formas de imunização que começaram de uma modo “micro” e resultaram em um “macro” de rendimento em termos de resultado. Sem os sapatos o homem não teria podido explorar o seu espírito aventureiro como explorou.

É interessante, porém, pensar que hoje há diversos estudos que mostram que a saúde de nossos pés está, de modo geral, prejudicada pelo uso dos calçados de solados muito duros ou demasiadamente acolchoados, e há quem diga até que é melhor para a saúde praticar o esporte corrido descalço. São os defensores dos sapatos mínimos (*minimal shoes*), que certamente estarão na moda por uma questão de saúde, em primeiro lugar, nos próximos anos, mas também pela tecnologia avançada que traz hoje este antigo e indispensável artifício. Concluimos, portanto, que os sapatos são indispensáveis, de modo geral, para a cultura e a civilização humanas.

Bibliografia

- BALDINI, M. (2006). **A Invenção da Moda – as teorias, os estilistas, a história**. Lisboa: Edições 70 Ltda.
- BONADIO, M. C. e MATTOS, M. F. S. G. (2011). **História e Cultura de Moda**. São Paulo: Estação das Cores e Letras Editora.
- BOUCHER, F. (2010). **História do Vestuário no Ocidente**. São Paulo: Cosac Naify.
- BRAGA, J. (2005). **História da Moda - uma narrativa**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi.
- _____. **Reflexões sobre Moda**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi.
- CALANCA, D. (2011). **História Social da Moda**. São Paulo: Editora Senac.
- GODART, F. (2010). **Sociologia da Moda**. São Paulo: Editora Senac.
- PESSANHA, J. G. (2017). **Peter Sloterdijk: Virada Imunológica e Analítica do Lugar**. Tese, USP, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- PETRONIO, R. (2013). **Uma Antropologia para além do Homem. Religião e hominização na obra Esferas de Peter Sloterdijk**. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- POLLINI, D. (2009). **Breve História da Moda**. São Paulo: Editora Claridade.
- RACINET, A. (2016). **The Costume History (Le Costume Historique, 1888)**. Cologne: Tachen.
- SANTAELLA, L. (2003). **Culturas e Artes do Pos Humano**. São Paulo: Paulus Editora.
- _____. (2004). **Corpo e Comunicação**. São Paulo: Paulus Editora, 2004.
- SLOTERDIJK, P. (1999). **No Mesmo Barco. Ensaio sobre a Hiperpolítica**. São Paulo: Estação Liberdade.
- _____. (2000). **Regras sobre o Parque Humano. Uma resposta a carta de Heidegger sobre o Humanismo**. São Paulo: Estação Liberdade.
- _____. (2002). **O Desprezo das Massas. Ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna**. São Paulo: Estação Liberdade.
- STEEL, V. (2010). **The Berg Companion to Fashion**. New York: Berg.
- STEVENSON, N.J. (2012). **Cronologia da Moda**. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- SVENDSEN, L. (2010). **Moda uma Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar.